



BOCA DO POVO



OMAR PERES

omarperes.blogspot.com

JOÃO SCHUBERT



ATENÇÃO SENHORES

CÃES

SORRIAM.
VOCÊS ESTÃO SENDO FILMADOS!ESTAMOS IMPLANTANDO CÂMERAS NA RUA.
A FIM DE PEGAR SEUS DONOS EM
FLAGRANTE.VOCES **CÃES** SÃO OS CULPADOS PORQUE
DEVERIAM TER TREINADO SEUS DONOS A
LEVÁ-LOS PARA SUJAR O PASSEIO DE SUAS
CASAS, NÃO O NOSSO!!!PORTANTO AGUENTE **PROCESSOS PENAS**

Cansados da sujeira provocada pelos cães, moradores das proximidades da Praça Agassiz, no Mariano Procópio, resolveram chamar a atenção dos cachorros para tentar conscientizar seus proprietários. O cartaz é claro: "você, cães, são os culpados, porque deveriam ter treinado seus donos para levá-los a sujar o passeio de suas casas, não o nosso!!!"

Telemarketing

Em São Paulo, a lei estadual 13.226 criou o cadastro de bloqueio de recebimento de ligações de telemarketing. O objetivo é defender os cidadãos que não querem ser incomodados por esse tipo de venda, quando estão em suas casas ou locais de trabalho. O cadastro paulista funciona junto ao Procon, onde o interessado registra o número do seu telefone fixo ou celular, tornando-o a salvo dos televendedores, geralmente muito insistentes.

Em Minas ainda não se pensa nisso.

Viva o ócio!

Não é fácil acreditar, mas depois do feriadão que começou no sábado, passou pelo domingo e engoliu a segunda-feira, numa espécie de "preparação cívica" para o dia de Tiradentes, alguns setores, não poucos, consideram que não fará mal algum "enforçar" a quarta e quinta-feiras próximas, para se ganhar mais um descanso no sábado e domingo. Nas ruas, o povo pergunta: e a sexta-feira? Mas esse já um dia naturalmente condenado à forca.

Os "esticados" vão continuar prosperando, a menos que venha uma lei preservando os dias vizinhos dos feriados.

Outro alívio

Queixosos em relação aos baixos negócios, dizendo-se sufocados, os comerciantes confessam que a Páscoa trouxe certo alívio, mas esperam um pouco mais do segundo domingo de maio, quando se comemora o Dia das Mães. Nesse caso, se as casas de chocolate vendem bem menos, as lojas de artigos femininos e de flores se desafogam. Pelo menos, era a expectativa que se ouvia ontem.

A corrupção e suas variantes

A gente já não sabe mais o que pensar, muito menos o que fazer, diante da avalanche de corrupção que vem enterrando o Brasil, e os crimes em tamanho volume, que nem mesmo a imprensa podida dedicar-se a todos eles. Não há pauta que aguarde as malandragens de deputados e senadores. E quando se pensa que em determinado gabinete surgirá uma luz para alumiar o caminho da retomada da moralidade, também dali brotam novos tumores. E os escândalos vão prosperando, sem que saibamos até

que ponto resistir. A única coisa que sabemos é que, como diz velho provérbio inglês, nada é tão ruim que não possa piorar.

De fato, é possível que ainda tenhamos de enfrentar situações piores, e escândalos mais repugnantes que as traquinagens pessoais de políticos. Tal se dará, por exemplo, quando a Nação tomar consciência do que se tem feito na Amazônia, que continua sendo tratada com arrogância de uns e o descaso de outros, como floresta misteriosa e impermeável a empreendi-

mentos sustentáveis, mas um campo aberto e indefeso à intervenção estrangeira camuflada por algumas dezenas de ONGs, das quais a tolerância governamental não cobra prestação de contas nem exposição de propósitos. Escondem-se sob essas siglas alguns dos casos de corrupção mais graves que assolam o Brasil, com agravante de que em muitos casos aí a corrupção não se presta apenas a criar benefícios para os nacionais, mas também para grupos estrangeiros. Então, rouba-se para exportar ri-

quezas. Tão grave como a roubalheira política é o poder público permitir que a mais rica reserva natural do planeta esteja confiada ao sabor dos embates teóricos, enquanto a depredação prossegue feroz.

De maneira que o desafio é este: não achar que estamos sendo roubados apenas em Brasília, no Congresso, nas prefeituras. O País tem outros flancos abertos, por onde a corrupção permite que se exportem nossas riquezas. É preciso reagir enquanto é tempo.

O.P.

Os sinais

Leitor anotou e protestou. Um desses guardas de trânsito municipais fez a festa das multas contra motoristas na confluência de Getúlio Vargas com Batista de Oliveira, quando os carros estacionaram sobre a faixa de pedestres, o que só ocorre porque o tempo de mudança do sinal é reduzido em relação à largura da avenida. Não dá tempo.

Os guardas deviam usar sua capacidade de observação de fatos como esse para sugerir revisão do tempo de sinalização, nos pontos em que representa perigo de acidente ou infração.

Com a Redação